

Resenhas

BARROS, Kazue Saito Monteiro de (org.) (1999) *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, EDUFRN, 214 p.

Rosineide de Melo *

Produção textual: interação, processamento, variação é uma reunião de textos produzidos pelo GT/ANPOLL Lingüística de Texto e Análise da Conversação e apresentados no XIII Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística) em junho de 1998.

A obra, organizada por Kazue S. M. Barros, atual coordenadora do GT, compõe-se de 17 trabalhos produzidos por pesquisadores reconhecidos e que apresentam as principais tendências dos estudos na área. Na apresentação, já são evidenciadas as duas linhas de pesquisa assumidas pelo GT: análise dos processos interacionais e processamento de textos escritos e falados. Kazue alerta para o fato de que os textos não estão agrupados em subdivisões para não acarretar uma “pulverização de temas” (p. 8).

É incontestável o valor da obra: não só por democratizar os trabalhos, mas também por marcar a continuidade histórica dos estudos desenvolvidos pelo GT.

Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran abre a coletânea com “A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva”, trabalho em que o eixo teórico advindo de

* Pós-graduanda em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LAEL/PUC-SP.

Patrick Charaudeau e dos dados teórico-concentuais de Mercedes Sanfelice Risso (estes últimos, em artigo nesta obra) tem por objeto a edição do programa *Roda Viva* (TV Cultura, 25/08/97), cujo entrevistado é João Pedro Stédile – líder do *Movimento dos Sem-Terra*. O estudo apresenta o embate ideológico das diferentes concepções sobre Reforma Agrária entre os entrevistadores e o entrevistado. A autora constrói a análise com muita clareza, abordando a forma como as estratégias metadiscursivas são utilizadas pelos entrevistadores para desqualificar o entrevistado. Por intermédio desses procedimentos, comprova a funcionalidade do metadiscurso.

Em “Variação e norma na língua falada: estudo de duas gramáticas”, Diana L. P. de Barros analisa, à luz da Semiótica Narrativa e Discursiva, *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa* de Antonio José dos Reis Lobato, publicada em 1770 em Lisboa e *Gramática da Língua Portuguesa* de Celso Cunha, publicada em 1972, no Rio de Janeiro. Estabelecendo um paralelo entre os objetos, discute conceitos como “bom” e “belo” no uso da língua, emprego de modalização da norma, as variantes diacrônicas e regionais e as linguagens corrente, coloquial e familiar. Chamam a atenção as oposições entre as gramáticas, apresentadas em quadros comparativos, seguidos dos comentários analíticos da autora.

O terceiro texto é um estudo de Dino Preti, intitulado “A gíria: um capítulo da história social da linguagem”. Partindo do princípio de que a variação léxica é a melhor representante da dinâmica da língua, apresenta um trabalho notável sobre a gíria, considerando-a como uma etapa na vida social do vocábulo e, portanto, não dissociada de uma realidade histórico-social. Pela alentada exposição, percebe-se de que forma a gíria contribui para contar a história dos grupos sociais. Preti observa que, embora considerada um fato lingüístico, a gíria vem sendo estudada por áreas como a História Social da Linguagem, uma vez que os fenômenos lingüísticos se realizam no contexto histórico, social,

cultural. O assunto é exposto com muita precisão, indicando o domínio do autor sobre o tema e despertando o interesse para a continuidade das pesquisas.

Em "Formas Metaenunciativas na fala e na escrita", Dóris de Arruda Carneiro da Cunha trata da heterogeneidade em discursos orais e escritos. Parte dos conceitos de Authier-Revuz e analisa um conjunto de textos falados: aulas e palestras (NURC), conversas espontâneas (NELF) e artigos científicos, jornalísticos, cartas e entrevistas – na esfera escrita. Estatisticamente, confirma, entre outros aspectos, que há um maior número de ocorrências e uma maior diversidade de formas metaenunciativas na fala que na escrita. Conclui que a quantidade, a forma e a função da metaenunciação variam em função da modalidade da língua e dos gêneros do discurso. O texto, mesclando teoria, exemplos e levantamentos estatísticos, corresponde a uma parte da pesquisa maior que vem sendo desenvolvida pela autora.

Edwiges Maria Morato, em "Formas metaenunciativas no discurso de sujeitos afásios", discute problemas teóricos vinculando-os ao contexto patológico da afasia. O sujeito da pesquisa, vítima de traumatismo cerebral, utiliza-se da confabulação – um expediente patológico – para construir a coerência textual: apresenta argumentos metaenunciativos, modalizando seu próprio dizer ao reportar-se virtualmente a uma situação enunciativa. A análise, tomando cada um dos enunciados, conduz a conclusões que relacionam o fenômeno metaenunciativo e os mecanismos constituidores da coerência enquanto "configuração veiculadora de sentido" (p. 56). A riqueza do texto encontra-se no próprio resultado do trabalho: os dados demonstram que os processos metaenunciativos tornam-se "um lugar de reconstrução da identidade" (do sujeito afásico) frente à linguagem e ao mundo – ele é "capaz de atuar num universo discursivo não a partir das contingências lingüísticas e cognitivas impostas pela patologia cerebral, mas apesar delas" (p. 59).

Em “Os estudos sobre identidade e língua(gem) em Lingüística Aplicada”, Inês Signorini apresenta as duas tendências contemporâneas dos estudos aplicados: a primeira relacionada à condição da disciplina LA enquanto subárea da Lingüística, voltada para a mediação entre as diferentes disciplinas da mesma área, e a segunda relacionada à expansão da LA como área de interface entre diferentes disciplinas não necessariamente lingüísticas. É nessa tendência que os estudos aplicados sobre a questão da identidade têm-se configurado em função do caráter transdisciplinar, com ênfase em conceitos voltados para a subjetividade, processos de subjetivação e práticas de linguagem. O texto contempla ainda uma questão teórica, ou seja, de dois eixos paradigmáticos: um relacionado à tradição racionalista e o outro, ao pós-estruturalismo europeu em oposição à tradição hegeliana. O tema, abordado de forma sucinta, demonstra com muita propriedade as linhas gerais dos estudos em LA.

No texto “A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional”, Ingedore Koch tem por objetos textos da mídia impressa. Partindo da noção de referenciação como atividade discursiva e considerando suas principais estratégias, detêm-se nas estratégias da descrição definida e da nominalização. As questões vão sendo abordadas, acompanhadas de exemplos, de forma a demonstrar que as estratégias servem a funções cognitivas, coesivas e de organização textual. O ponto central é o estudo do léxico e a análise é didaticamente detalhada no texto.

Em “Linguagem e a construção da identidade do gênero” há uma discussão teórica proposta por Judith Chambliss Hoffnagel acerca de como a linguagem é utilizada para construir a identidade do gênero. O termo identidade refere-se à identidade social, incluindo dimensões como papéis sociais, relações sociais, identidade grupal. O conceito de gênero considerado é aquele que se refere à designação sociocultural e psicossocial dos sexos: homem, mulher, gay etc. A autora vai situando a relação

linguagem e identidade dentro de várias concepções – LA, sociolinguística, teorias sociais e construtivistas, percorrendo vários autores – mas é a abordagem de Ochs que é apresentada como potencial para a compreensão da vinculação linguagem-identidade. O texto é abrangente, oferecendo condições para a compreensão do assunto e das diversas e possíveis abordagens.

Kazue Saito M. de Barros, em “Estratégias interativas em sala de aula”, inicia a apresentação afirmando a falta de explicitação do sentido de “estratégias” em diversos estudos e adota, para efeito de suas análises, o que foi privilegiado pela LA: “estratégias comunicativas”. O foco do trabalho situa-se na observação das diferentes estratégias comunicativas empregadas por falantes estrangeiros que não dominam a segunda língua. O que identifica essas estratégias pode ser tanto a consciência que o falante tem ao substituir uma palavra por desconhecimento daquela que seria adequada, como a intencionalidade com a qual é aplicada a palavra substituta para atingir sentidos específicos ou ainda a noção de deficiência que o próprio falante tem em relação à segunda língua. Esses critérios, no entanto, são questionados, uma vez que nem sempre é possível saber se a troca lexical se dá por consciência ou intencionalidade do falante e, ainda, a autora lembra que a situação de sala de aula é uma simulação, não se tratando de uma situação real de comunicação, ou seja, o falante não está, de fato, num país estrangeiro tentando se comunicar. O texto pode motivar boas discussões a respeito da aprendizagem de língua estrangeira.

Em “O jogo interacional nas entrevistas de televisão”, Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia Andrade e Zilda Aquino têm por objeto os programas *Roda Viva* (TV Cultura) e *Jô Onze Meia* (SBT). A abordagem é feita, basicamente, sob a perspectiva de Patrick Charaudeau e, a partir da caracterização dos dois programas, elas vão tecendo a análise, demonstrando que as entrevistas podem ser observadas a partir de três níveis: situacional, comuni-

cacional e discursivo. Embora sendo possível a análise de cada nível separadamente, as pesquisadoras ressaltam que é o conjunto das análises que revela a complexidade do texto das entrevistas. A dinâmica interacional dos programas se estabelece através de uma interação onde há um certo caráter de cumplicidade (*Jô*) ou disputa (*Roda Viva*), capaz de caracterizar o encontro como informal ou institucionalizado. Apesar de tratar-se de um recorte, é possível avaliar a importância do estudo e a consistência da perspectiva adotada.

“Coerência e cognição contingenciada”, de Luiz Antonio Marcuschi, tem como ponto central a discussão a respeito da construção da coerência textual em textos orais. O autor faz uma detalhada discussão teórica sobre coerência, sugerindo que não é algo que pode ser identificado ou apontado localmente no texto, mas sim o resultado de uma atividade de processamento cognitivo complexo. De acordo com posturas teóricas específicas da Linguística de Texto e Análise da Conversação, distingue três tipos de noção de coerência: estrutural, inferencial e interacional, detendo-se no último. Para observar as atividades no processo de produção de coerência, Marcuschi trabalha ainda as noções de referência, significado, cognição e efeito de sentido. Analisando transcrições de uma conversação espontânea realizada entre amigos, num contexto de trabalho, conclui que “é um equívoco buscar coerência e sentido em produções orais dialogadas espontâneas exclusivamente na concatenação linear e seqüenciada de tópicos ou de referentes que se encadeiam em procedimentos de boa-formação”. Isso porque “o uso da língua no dia-a-dia é marcado por necessidades localizadas e situadas em contextos cognitivos que se organizam contingenciadamente” (p. 129). O tema é abordado com muita objetividade, e os exemplos são didaticamente comentados.

Maria Aparecida Pauliukonis focaliza as funções argumentativo-persuasivas do discurso da propapaganda, inserindo a

análise da estrutura comparativa. Em "A comparação a serviço das estratégias argumentativas em textos propagandísticos", apresenta um trabalho à luz da Análise Semiolingüística do Discurso. Partindo do conceito de argumentação e de gradação, constata que em 90% dos casos pesquisados há uma predominância de estruturas gradativas (comparativo de superioridade, de igualdade etc.), confirmando a hipótese de que estas funcionam como uma eficiente manobra argumentativa entre emissor e receptor. O texto é caracterizado por uma consistente apresentação teórica da proposta de Charaudeau sobre Análise Semiolingüística do Discurso, acompanhada da aplicação dos conceitos aos textos de propaganda.

O texto de Maria da Piedade Moreira de Sá, "Variação: presente e passado na narrativa", analisa a alternância passado e presente histórico nas narrativas das entrevistas do projeto NURC. A discussão teórica recupera importantes conceitos de Labov, Schiffrin, Wolfson. Os dados vão mostrando as ocorrências temporais e as preferências em cada uma das diferentes orações: naquelas iniciadas por "quando", "acontece que", "de repente", naquelas iniciadas por conjunções diferentes de "quando" e naquelas em que há o verbo "dizer", introdutor de discurso direto. A análise é apresentada ora com comentários comprobatórios, ora com hipóteses. A autora lembra que os resultados não são conclusivos, deixando uma sensação, coerente, de que a análise continuará revelando outras descobertas.

No texto "O recurso das indagações em sala de aula: níveis de complexidade e funções", Maria do Socorro Oliveira discute o papel da indagação do professor na interação em sala de aula, visando à construção do conhecimento da linguagem. Os dados que compõem o *corpus* foram coletados em turmas de alfabetização em 2 escolas da rede particular da Paraíba e são analisados sob uma perspectiva interpretativista de base etnográfica. Baseando-se na taxionomia de Tollefson, apresenta 8 seqüências

de interação professor-aluno, exemplificando e identificando as questões de acordo com a categorização. Consta que a maior incidência é de perguntas que exigem retomada de memória, seguida de perguntas de reorganização. O estudo vem reforçar ainda mais a importância da pergunta como elemento facilitador do desenvolvimento cognitivo.

Em "Variação e desenvolvimento da competência textual escrita", Maria Elias Soares inicia o texto discutindo questões relativas à aquisição da escrita. Baseia-se na perspectiva psicolinguística e na concepção de letramento formulado por Kleiman. Focaliza dois tipos de habilidade importantes para o desenvolvimento da competência textual: instauração da referência pessoal e a codificação do discurso direto. O objeto de estudo é composto de 574 recontos escritos da narrativa *Chapeuzinho Vermelho* por crianças de 1ª a 4ª séries de escola pública situada em bairro de classe baixa e de escola particular situada em bairro de classe média. Analisando os textos, verifica diferenças entre as estratégias utilizadas pelas crianças: as da escola particular demonstram conhecimento de determinadas formas linguísticas, desconhecidas pelas crianças da escola pública e, em relação à codificação do discurso direto, as crianças da escola particular lidam desde a 1ª série com o uso normativo do discurso direto, enquanto as crianças da escola pública só fazem isso na 3ª série. Confirma, dessa forma, que determinantes de ordem socioeconômica são responsáveis pela natureza e qualidade de experiência com o texto escrito, condicionando as diferenças.

"A atribuição de identidade social como ato de categorização" é um interessante trabalho de Maria Penna. Utilizando a categorização por protótipos e estereótipos, mostra como esses elementos são utilizados para reforçar questões culturais. Por exemplo, as atribuições de identidades "Intelectual" para Fernando Henrique Cardoso e de "Nordestino" para Luiz Inácio Lula da Silva, nos discursos jornalísticos sobre a campanha presiden-

cial de 1994, foram utilizadas para qualificar e desqualificar os candidatos respectivamente. Como o texto apresenta uma riqueza de exemplos, a correlação teoria-prática fica bem evidenciada, fornecendo, assim, pistas reais para aplicação dos conceitos em outros *corpora*.

No último texto da obra, “A propriedade auto-reflexiva do metadiscurso”, Mercedes Sanfelice Risso toma por objeto de análise a entrevista do líder do MST no Programa *Roda Viva* (já abordada por Clélia Jubran, no primeiro texto desta coletânea). À medida que recorta os enunciados, aponta a utilização do metadiscurso como recurso de preservação da face, especificador de tópico, estratégia de auto-isenção sobre a palavra do outro etc. Os dados revelam a força desse elemento na organização da estrutura do discurso da entrevista televisiva e, conseqüentemente, seu significativo valor para o jogo da interação.

Do conjunto dos trabalhos reunidos em *Produção textual: interação, processamento, variação*, é possível deduzir várias pontos positivos, além dos importantes conteúdos trabalhados, dos resultados obtidos e da incontestável contribuição científica representada:

– o GT/ANPOLL Lingüística de Texto e Análise da Conversação demonstra uma saudável “versatilidade teórica”, uma vez que os estudos recorrem a conceitos advindos de Charaudeau, Benveniste, Labov, Ochs e vários outros teóricos e teorias que contribuem para os trabalhos voltados para a lingüística do texto e para a análise do texto falado;

– o “engajamento” dos membros do GT fica visível, ou seja, o grupo existe voltado para objetos comuns, de forma que são freqüentes as citações e/ou referências a textos e autores pertencentes ao Grupo;

– os textos revelam um caráter interdisciplinar, reforçando ainda mais a tendência do olhar holístico que a pesquisa deve ter e que, com muita eficiência, vem assumindo.